

Resenha

INTERVENÇÕES CLÍNICAS: AÇÃO INTEGRADA COM A FONOAUDIOLOGIA, A PSICOPEDAGOGIA, A ARTETERAPIA, A PSICANÁLISE E OUTROS SABERES

Maria Angela Gaspari⁶

Publicação: SIMÕES, M. **Intervenções clínicas: ação integrada com a Fonoaudiologia, a Psicopedagogia, a Arteterapia, a Psicanálise e outros Saberes.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

Numa linguagem fluida e humana, Márcia Simões narra sua trajetória em direção à ampliação de seu papel como terapeuta, amparada por seu trabalho com um de seus pacientes, Valentim, que a ela chegou com queixas de distúrbios de fala, leitura e escrita. Revela sua visão holística e transcendental do Ser ao nos fazer acompanhá-la no intrincado caminho que percorreu com Valentim, traçado por dúvidas, pensamentos, sentimentos, intuições e novas pesquisas que direcionaram suas ações desde o momento em que o acolheu para tratamento até o momento do diagnóstico final.

Com grande honestidade ela relata que foi preciso admitir a priori seu “não-saber”, em face da complexidade do ser que a ela se apresentava. Um adolescente triste, feio e isolado e, no entanto, marcado pelo desejo de se constituir como sujeito. Movida por uma necessidade tanto interna quanto externa, Márcia sai em busca de novos saberes que com seus entrelaçamentos pudessem trazer luz a seu trabalho com um paciente já desesperançado e resistente às técnicas tradicionais da Fonoaudiologia.

⁶ Fonoaudióloga e Arteterapeuta. Completou todos os créditos exigidos para o Mestrado junto à Boston University – Boston, Mass. Co-coordenadora e docente do Curso de Pós-Graduação em Arteterapia da Faculdade Mozarteum.

Priorizando sua relação com o paciente através de uma escuta atenta a tudo que Valentim trazia de si, permitiu que um ser único e especial se desvelasse no tempo/espaço terapêutico e pode, assim, introduzir elementos novos nesses encontros, como as Histórias Bíblicas e a Arte. Tal postura, a de apreciar o revelado no aqui e agora pelo paciente para então desenhar o trajeto terapêutico, permitiu que ele entrasse em contato com um nível de realidade mais sutil, o transcendente, ajudando-o a compreender o “sentido da vida”, apesar de suas adversidades, o que nos autoriza a atribuir a seu trabalho um caráter transpessoal.

Destaco como arteterapeuta a introdução do trabalho com linguagens visuais entre as estratégias adotadas por Márcia: a arte no contexto arteterapêutico que tornou possível a criação de um espaço para Valentim comunicar-se e expressar-se com autonomia sem privilegiar o uso da palavra escrita ou oral, sua grande dificuldade. Foi nesses momentos do trabalho arteterapêutico, nesses momentos silenciosos de escuta interior vivenciados ao fazer arte, que Valentim pode entrar nos recantos mais profundos de seu ser para descobrir e expressar criativamente o que ali encontrava: seus sentimentos, pensamentos, esperanças, limites e possibilidades. Ao criar na arte, Valentim pode empreender uma árdua batalha consigo mesmo e com o meio em direção à compreensão de sua pessoa como única e, ao mesmo tempo, resignificar sua relação consigo mesmo e com o meio. Com o suporte do trabalho arteterapêutico, Valentim continuou a realizar os exercícios fonoaudiológicos, reconhecidamente imprescindíveis para ele. No entanto, com a arte como facilitadora dessas atividades fonoaudiológicas tão mecânicas e com finalidades objetivas, ele podia vivenciar, e Marcia também, um novo modelo clínico de exploração de suas reais possibilidades, abrindo um espaço para quebrar limites e/ou adaptar-se a eles.

Nesse contexto a Arteterapia, por seu caráter transdisciplinar, tal como num tear desvela e entrelaça numa rica tapeçaria os pontos em comum de diversos campos do

saber, no caso, a Fonoaudiologia, a Psicopedagogia, a Psicanálise, a Neurologia e a Ortodontia, construindo numa lógica mais complexa um fazer abrangente visando um tudo e um “todo” que pode ser cuidado como tal e em sua integralidade. Cada um desses saberes permeados pelo trabalho com a arte constituiu-se em um fio importante para a cura de Valentim, um ser biopsíquicosociocultural e espiritual, que Márcia teve o cuidado de “tocar”!

No desenrolar de suas reflexões e pesquisas posteriores ao término dos sete anos em que a autora atendeu Valentim, registradas organizadamente no livro em questão, composto de Introdução, 10 Capítulos, Apêndice, Posfácio e depoimentos de profissionais que trabalharam com ela, podemos notar sua perseverança para atingir seus objetivos, mesmo que às vezes se mostrassem impossíveis de ser alcançados.

Na introdução Márcia conta sua história pessoal e profissional, refletindo sobre sua prática clínica e sua percepção da necessidade de ampliar seus conhecimentos face às demandas dos pacientes que a ela se apresentavam para terapia. Trajetória pessoal como criança que também passou por grandes agruras para crescer e se constituir como sujeito-agente-autônomo no mundo, ao ter que lidar com sua própria condição de portadora de distúrbios de comunicação que a levou a abraçar a carreira de fonoaudióloga, complementando depois sua formação com a Especialização em Psicopedagogia e em Psicanálise e Linguagem. Vivências essas que revive ao longo do caminho que trilha com Valentim, paciente/personagem de seu livro, ressignificando-as.

No Capítulo 1, a autora relata como Valentim, adolescente indicado para inclusão como portador de dificuldades de comunicação e aprendizagem, chegou a ela em 2002, quando integrava a primeira Equipe Interdisciplinar da Secretaria de Educação do Município de Osasco, detalhando seu papel nessa equipe. Discorre sobre as condições da família que vive momentos de intensas mudanças em consequência da doença do filho caçula, reflete sobre os “diagnósticos” feitos por professores, terapeutas anteriores e

mesmo pela família, para as dificuldades apresentadas por Valentim e sobre suas dúvidas quanto a aceitar a incumbência de tratá-lo. No entanto, Márcia se envolve, reflete sobre sua práxis até aquele momento, já diferenciada da tradicional, e resolve conhecer a família.

Enfrenta o desafio cujo relato inicia-se no Capítulo 2 com a narração de seus contatos com a escola, a família e com os terapeutas anteriores, fonoaudióloga e psicóloga. Descobre nas informações fornecidas pela fonoaudióloga, uma postura focada em sintomas específicos e permeada de inconclusões. Um breve contato por telefone com a psicóloga mostrou-se infrutífero também. Com os pais viveu momentos muito intensos no encontro que só foi possível acontecer após a morte do filho caçula. Considerando a situação de dor que vivenciavam, Márcia descarta com grande sensibilidade os questionários prontos, usados nessas ocasiões, e os deixa livres para se expressarem. Descobre com eles a desesperança, a desconfiança nos tratamentos e diagnósticos já feitos, a alegria com que receberam seus filhos ao nascer, a grande luta do pai para sustentar a família. Ouve-os falar do Valentim bebê e criança em fase escolar, já deixando transparecer que algo diferente acontecia com ele. Ouve-os falar sobre as decepções e a fragilidade em que se encontravam. Faz ainda, nesse mesmo capítulo, reflexões sobre suas “conclusões” a respeito de Valentim e suas dificuldades, já delineando uma abordagem clínica diferenciada. Recorre a supervisões, incluindo a Arteterapia, estudos e pesquisas.

Os Capítulos 3 e 4 são dedicados a Valentim e sua trajetória na terapia. Márcia faz uma narrativa sensível, entremeando práxis e teoria, mostrando os avanços e retrocessos do paciente, sua própria fragilidade diante da situação e sua capacidade de enfrentamento, assim como, deixa claro como sua própria história pôde ser revisitada silenciosamente por ela no confronto com a história de Valentim. Ao ler, construímos um caminho tortuoso, mas sem barreiras, de dúvidas e de insights, de busca incessante e

vigorosa por soluções. Valentim é sempre ouvido atentamente e fornece pistas que direcionam as condutas terapêuticas. Estas são implementadas, como relata no Capítulo 5, pela introdução da Arteterapia no contexto de construção do sujeito Valentim, já comentadas por mim no corpo desta resenha.

Com muita coragem a terapeuta Marcia assume a decisão de propor aos pais, à escola, aos outros profissionais que atuavam com ela no caso, o afastamento temporário de Valentim da escola. Assim, ele pode viver experiências novas e inusitadas como nos conta ela no Capítulo 6.

Ao longo do trajeto terapêutico a família é incluída e se inclui na terapia, face à confiança reconquistada, tendo então um papel ativo e não de mera espectadora, no Capítulo 7.

Assim, Valentim “se constitui em um sujeito-leitor-autor, não em decorrência de um treino e sim, de um processo significativo de apropriação do conhecimento”, aponta Márcia no Capítulo 8, e mais, predisposto a enfrentar os riscos inerentes às suas condições, amparado amorosamente por seus pares, pais, irmão, terapeuta. O mesmo acontecendo com a terapeuta, que alça voo em direção a um fazer autônomo, no Capítulo 9. Tal postura se torna possível face à definição do diagnóstico de Distrofia Muscular Miotônica, como consequência da solicitação de Márcia para que fosse retomada a pesquisa neurológica, cujo desenrolar a autora refaz também no Capítulo 9.

No último, o Capítulo 10, Márcia reconstrói com o leitor o método de construção do livro: novas pesquisas, novos estudos, novas sensibilizações foram necessárias para organizar em palavras aquilo que havia vivido. A história de Valentim, o desenrolar da terapia, sua própria história e a ampliação de seu Ser Terapeuta.

É importante também ressaltar o apêndice que fornece esclarecimentos sobre a Distrofia Muscular Miotônica, sem nos esquecermos dos testemunhos finais de profissionais que trabalharam com ela ou a acompanharam em sua jornada com Valentim.

Mais uma vez quero me referir à perseverança e sabedoria com que Márcia conduziu o trabalho com Valentim. Foi um tecer de uma verdadeira Obra de Arte, se assim posso dizer, que promoveu a ligação Terra e Céu, dando a Valentim a certeza de ter um papel no mundo. Um papel a ser vivido apesar de suas limitações. Papel de filho, profissional, irmão, amigo, enfim, de uma pessoa reconectada por meio da descoberta de si mesmo e da fé com o Criador de todas as coisas. De alguma forma, mesmo com suas limitações, podia viver criativamente.

Recomendo a leitura de Intervenções Clínicas de Marcia Simões, não só por terapeutas, professores, ou outros profissionais, mas também por todos aqueles que se preocupam com a transformação do mundo para melhor, seja da família, dos amigos ou da natureza. Além de ensinamentos formais, a autora nos oferece a oportunidade de nos reconectarmos com nossas emoções, nossas fragilidades e fortalezas. Oferece-nos um meio para resgatarmos traços nossos muitas vezes esquecidos, na correria do cotidiano, lá no fundo de nosso ser e que nos tornariam melhores se deles fizéssemos uso. Melhores conosco, com o outro e com o mundo. É assim que também devemos lê-lo, como um exercício de sensibilização e busca da Fé em algo maior.

Data de recebimento: 15 de Fevereiro de 2013.

Data de aceite: 15 de Fevereiro de 2013.